



Carta a Philippe Willemart

Louis Hay / Institut des Textes et Manuscrits Modernes
Tradução de Carla Cavalcanti e Silva

manuscritica

ESTE NÚMERO da *Manuscritica* aparece em um momento oportuno para uma comemoração importante: as bodas de prata da colaboração franco-brasileira. Faz precisamente um quarto de século (como o tempo passa!) que dois jovens pesquisadores parisienses, convidados por você, vieram apresentar pela primeira vez na Universidade de São Paulo essa “nova grande arte: a pesquisa”, como Aragon acabava de nomear a crítica genética. Eles não se esqueceram da acolhida que receberam de você no Departamento de Letras Modernas e de Telê Ancona Lopez no Instituto de Estudos Brasileiros, dos encontros com grandes escritores e colecionadores, com os colegas brasileiros e com os estudantes. Não sabíamos, na época, que aquilo seria um princípio de uma *success story* exemplar e que se estabelecia na crítica internacional uma tradição particularmente fecunda, da qual você seria o instigador e o organizador de sempre. Nossa colaboração nunca se interrompeu ao longo desses anos. Ela contribuiu



para a formação de muitas gerações de pesquisadores, para uma produção científica abundante e de qualidade e para os intercâmbios que estão mais vivos do que nunca. Não é para qualquer um deixar assim sua marca na história de sua disciplina.

Ao longo desses intercâmbios, as pesquisas brasileiras e francesas delineararam-se com suas características próprias. A França, mergulhada nos inesgotáveis tesouros de seus manuscritos, imbatível nas filigranas de cabeça de boi e na tipologia das margens. O Brasil, mais aberto ao seu tempo e aos grandes sistemas teóricos. Não esqueço as discussões sobre a aplicação da teoria do caos na gênese (René Thom acabava de se interessar por Valéry). Mas você retomaria a genética, notadamente em sua fonte primeira, a das publicações de Jean Bellemin-Noël. Partindo de suas proposições sobre a “Textoanálise”, você desenvolveu uma pesquisa original e muito produtiva sobre as relações entre o “saber da escritura” e o “saber do inconsciente”. Ela te conduziu a contribuir amplamente com as pesquisas sobre o grande *corpus* da crítica genética, o de Proust e o de Flaubert, esclarecendo, na ocasião, um e outro. Há pouco, você reuniu as conclusões de seus trabalhos em um volume de síntese (*Crítica genética: práticas e teorias*¹ – aprecio a sucessão) considerável e fervilhante de ideias, no qual você parte o mais próximo do manuscrito para ir até as teorias da ciência contemporânea e voltar, em seguida, ao estudo de casos exemplares – e

1. Livro publicado no Brasil sob o título de *Crítica Genética e Psicanálise*. São Paulo: Perspectiva, 2005. N. do T.

talvez de natureza inédita, tal a análise de uma cidade como um manuscrito.

Pelo conjunto de seus trabalhos – uma meia-dúzia de obras em francês, sem contar o número de artigos e conferências – você se tornou o crítico estrangeiro mais bem representado e conhecido da gente. Mas, seria você realmente ainda um estrangeiro? Ao término desse um quarto de século, muitos colegas brasileiros tornaram-se amigos – e não é somente em meu nome, mas em nome de todos seus amigos franceses aos quais me junto, de longe, mas de coração, à homenagem que te prestam hoje.

Obrigado Philippe, bom trabalho – e até logo!

Louis Hay

Cher Philippe,

Ce numéro de *Manuscritica* paraît à point pour une commémoration d'importance: celle des noces d'argent de la collaboration franco-brésilienne. Voici précisément un quart de siècle (comme le temps passe !) que deux jeunes chercheurs parisiens, invités à ton initiative, sont venus présenter pour la première fois à l'Université de São Paulo ce « grand art nouveau: la recherche » comme Aragon venait de nommer la critique génétique. Ils n'ont pas oublié l'accueil qu'ils ont alors reçu de toi au Département des Lettres Modernes et de Têlé Ancona Lopez à l'Institut d'Études Brésiliennes, les rencontres avec de grands écrivains et collectionneurs, avec les collègues brésiliens et les

étudiants. Nous ne savions pas, à l'époque, que ce serait le départ d'une *success story* exemplaire et que s'établissait, dans la recherche internationale, une tradition particulièrement féconde dont tu auras été l'instigateur et l'organisateur de toujours. Notre collaboration ne s'est plus jamais interrompue tout au long de ces années. Elle a contribué à la formation de plusieurs générations de chercheurs, à une production scientifique abondante et de qualité, à des échanges qui sont plus vivants que jamais. Il n'est pas donné à chacun de laisser ainsi sa marque dans l'histoire de sa discipline.

Au fil de ces échanges, les recherches brésiliennes et françaises se sont mieux dessinées avec leur caractère propre. La France, plongée dans les inépuisables trésors de ses manuscrits, imbattable sur les filigranes à tête de boeuf et sur la typologie des marges. Le Brésil, plus ouvert sur son temps et les grands systèmes théoriques. Je n'ai pas oublié nos discussions sur l'application de la théorie du chaos à la genèse (René Thom venait de s'y intéresser chez Valéry). Mais tu auras surtout repris la génétique à sa source première, celle des publications de Jean Bellemin-Noël. Partant de ses propositions sur la « Textanalyse » tu as développé une recherche originale et très productive sur les rapports du « savoir de l'écriture » avec le « savoir de l'inconscient ». Elle t'a conduit à contribuer largement aux recherches sur le grand corpus de la critique génétique, celui de Proust, et sur celui de Flaubert, éclairant à l'occasion l'un par l'autre. Voici peu, tu as réuni les conclusions de ces travaux dans un volume de synthèse (*Critique génétique : pratiques et théories* – j'apprécie la succession) considérable et foisonnant d'idées, où tu pars au plus

Dossier: Memória

près du manuscrit pour aller jusqu'aux théories de la science contemporaine et revenir ensuite à l'étude de cas exemplaires – et parfois d'une nature inédite, telle l'analyse d'une ville comme d'un manuscrit.

Par l'ensemble de tes travaux – une demi-douzaine d'ouvrages en français, sans compter nombre d'articles et de conférences – tu es devenu le critique étranger le mieux représenté et le plus connu chez nous. Mais es-tu vraiment encore un étranger ? Au terme de ce quart de siècle, nombre de collègues brésiliens sont devenus des amis – et ce n'est pas seulement en mon nom, mais en celui de tous tes amis français que je me joins, de loin mais de tout coeur, à l'hommage qui t'est aujourd'hui rendu.

Merci Philippe, bon travail – et à bientôt !

Louis Hay